

PROLEGÔMENOS PARA UM POSSÍVEL TECNOXAMANISMO

*Por Fabiane M. Borges**

Muita gente tem ideia do que tecnoxamanismo significa. Essas ideias são genéricas e apontam para alguma coisa entre ciência e religião, ou tecnologia e êxtase. Eu prefiro apresentar isso como uma questão em processo de construção. Um desafio ao qual todos estamos lançados hoje em dia, e para o qual precisamos encontrar possibilidades.

Esse texto abarca um pequeno número de conceitos ecológicos, antropológicos e filosóficos, que vou tentar elencar de forma clara, apesar disso tudo estar imerso em um nevoeiro. Trago como referência pensadores como Viveiros de Castro, Bruno Latour, Fabián Ludueña, entre outros. É importante salientar que o conceito é aberto, que tem muita gente pensando isso em vários outros sentidos, e que esse texto é somente um esforço de trazer alguns subsídios para colaborar nesse grande entrave entre duas forças aparentemente antagônicas.

Separo o texto em 6 partes:

- 1- Tragédia Guarani Kaiowa
- 2- Aldeia Maracanã
- 3- Terráqueos Contra Humanos
- 4- Xawara e a queda do Céu
- 5- Perspectivismo e Inversão Ontológica
- 6- Do Xamanismo Transversal, Sujo ou dos Ruídos
- 7- Tecnoxamanismo

* Fabiane M. Borges é Doutora em Psicologia pela PUC/SP, atua como psicóloga, artista, ensaísta, organiza eventos relativos a arte e tecnologia, arte e movimentos sociais, é produtora cultural, escreveu dois livros Domínios do Demasiado (Hucitec/2010) e Breviário de Pornografia Esquizotrans (ExLibres 2010), organizadora de dois livros com a rede de mídia, arte e tecnologia Submidialogia (Ideias Perigozas 2010) e Peixe Morto 2011). Tem uma coluna esporádica na revista Outras Palavras: <http://outraspalavras.net/author/fabianeborges/> Blog: <http://catahistorias.wordpress.com> - e-mail: catadores@gmail.com

1- TRAGÉDIA GUARANI KAIOWA

Começo pela apresentação de uma tragédia atual. Falo aqui de uma comunidade de 12 mil índios Guarani Kaiowa, da aldeia Bororo situada no Mato Grosso do sul, na cidade de Dourados. As terras dadas aos guaranis kaiowas por parte do governo brasileiro durante as décadas anteriores, virou terra de disputa durante a ditadura militar, essas áreas indígenas começaram ser negociadas entre Estado e empresários do campo, invadidas pelo agronegócio, destruídas pela monocultura, cercadas de arame enfarpado, e eles começaram a perder Terra significativamente, ou serem realocados.

Entre os kaiowas é contabilizado enorme índice de mortalidade que ocorre nas lutas entre índios e brancos, com a desnutrição, o alcoolismo, a drogadição em excesso, mas o que assusta indígenas e indigenistas ainda é o número alarmante de suicídios. Não sei se a palavra epidemia é a melhor para qualificar práticas de suicídios em grande número (no final da década dos 2000 a base era de cerca de 50 a 60 suicídios por ano). A maioria dos praticantes do jejivy (morte por enforcamento ou sufocamento) são adolescentes - eles representam uma porcentagem grande dentro da comunidade.

Vou continuar chamando de epidemia de suicídios essas mortes, numa tentativa de deixar bem claro que a mesma Xawara que afeta as terras yanomamis, é a que mata os Guaranis Kaiowas, já que xawara quer dizer epidemia, doença produzida pela fumaça do ouro, o metal do desenvolvimento.



Cena do filme Terra Vermelha - 2008

Quero evidenciar o Jejuvy como um suicídio ritual, baseado em comportamentos culturais Guarani Kaiowas. Para os guaranis a alma reside na palavra, se ela não pode se expressar, se não existe lugar para ela ser pronunciada, ela deve ser sufocada. Por isso os suicídios são por sufocamento ou enforcamento, para que a palavra não se perca e possa voltar em algum outro momento. Eles acreditam numa espécie de reencarnacionismo, ou ainda, numa energia concentrada que não se fragmenta. Na crença guarani a morte por corte ou furo significa a perda total da palavra, pois ela se esvai, sua forma perde a consistência. Quando cometem o jejuvy é porque ainda existe uma crença cultural de que um dia será possível se expressar, sendo que no corte ou furo esse suicídio significaria um total niilismo e abandono da cultura. Por ser ritual isso não quer dizer que a aldeia não sofra. Essas práticas enchem de luto a aldeia e alimentam o pessimismo Guarani¹.

Quando estávamos lá em 2008, o diretor chileno criado na Itália Marco Bechis estava dirigindo o filme “Terra Vermelha”. No filme ele colocou pessoas da própria aldeia como atores, inclusive as lideranças políticas. Recomendo todos a verem, porque é um filme interessante, roteiro, imagens, é uma ficção documental, um dos grandes filmes sobre índios no Brasil. O filme explora a questão da luta pela Terra e os suicídios, a complexidade da vida Guarani que hoje em dia habita entre a cultura indígena e a cidade dos brancos, acompanha a iniciação de um jovem no xamanismo, trabalha bem as crenças que permeiam os suicídios entre outras coisas. O filme tem malícia, e apresenta diversas estratégias Guaranis, de sobrevivência, relação com o mercado, sexualidade entre índios e não índios, é um filme importante dentro da filmografia dirigida ao assunto indígena.



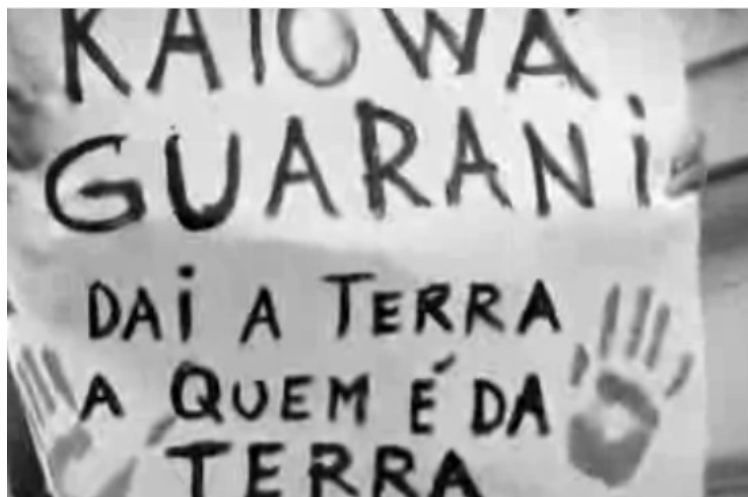
(Imagem tirada da internet – Líder indígena

Ambrósio Guarani Kaiowa e protagonista do filme Terra Vermelha)

1 Texto sobre esse assunto de Verenilde Pereira e Fabiane Borges: Guaranis: do jejuvy à palavra recuperada <https://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=2473>

Um dos principais protagonistas do filme, Ambrósio Kaiowa, morreu assassinado em dezembro de 2013. Seria por que o filme aos poucos foi ganhando popularidade? Porque Ambrósio se tornou conhecido como ator e por isso com maior poder de convencimento e barganha na luta pela terra? Mais empoderado? Não se sabe se foi essa a razão definitiva da sua morte. As razões não são muito claras, mas isso representou uma perda enorme para os Guarani Kaiowa e seus apoiadores.

Antes da morte de Ambrósio, na segunda metade de 2013, um grupo de Guarani Kaiowa enviou uma carta pública dizendo que se suas Terras não fossem devolvidas, eles morreriam nelas de qualquer jeito. Ameaçaram uma espécie de suicídio coletivo ou até morte lenta nas terras dos seus parentes (isso não está claro na carta²) caso o governo não se pronunciasse e efetivasse a devolução de suas Terras ancestrais, agora ocupadas por todos esses empresários do campo. A resposta das redes sociais a essa ameaça foi gigantesca. Milhares de brasileiros trocaram seu nome nas redes sociais pelo sobrenome Guarani Kaiowa, e aconteceram muitas manifestações em todo país, por parte de indígenas e não indígenas a favor da luta Guarani.



(Imagem tirada da internet – autor desconhecido)

Os guaranis perdem palavra e mundo, a primeira por sufocamento o segundo por devastação. Viveiros de Castro costuma dizer que os Guaranis são especialistas do fim do mundo, pois vem perdendo o mundo desde o século XVI, e cada vez perdem mais mundo. Se trata de perder um estilo de mundo com biodiversidade, floresta, rios limpos, em prol de outro, moderno, asfaltado,

2 Carta dos Guarani Kaiowa - https://secure.avaaz.org/po/petition/Salvemos_os_indios_GuaraniKaiowa_URGENTE/?pv=96

cheio de fábricas, automóveis, poluído, explorado.

Apesar de inúmeros índios concordarem com os modos de produção branca, e colaborarem na destruição das suas terras, dos seus costumes, seja por causa dos apelos do mercado, seja por causa das novas religiões que os assediam constantemente que demonizam suas crenças e costumes, existe ainda uma grande resistência por parte de vários grupos, que querem continuar vivendo como índios. Isso se torna até uma estratégia de sobrevivência, já que grande parte dos desaldeados, convivem com um insistente preconceito. Da perspectiva branca mediana os índios e seus descendentes são sempre vistos como meio animais, involuídos, preguiçosos e vagabundos. Essa é uma das razões do porque os índios mais velhos costumam incentivar os jovens a andarem com seus trajes tradicionais, pintados e em grupo, pois assim se tornam mais fortes, como uma força da natureza, e tem mais apelo na busca de terra e reparos históricos, ao invés de aderirem ao projeto branco incondicionalmente, e virarem marginais nas cidades.

2- ALDEIA MARACANÃ



(Foto tirada da internet – autor desconhecido)

Conjuntamente a esta grande comoção nacional em apoio a tragédia Guarani, que fez todos trocarem seus nomes, ainda em 2013, a Aldeia Maracanã no Rio de Janeiro começou sofrer ordens de despejo, por ser alvo do interesse do governo e empresários. A copa do mundo para acontecer precisa obedecer os padrões da Fifa e isso se junta a uma onda de gentrificação dos grandes centros urbanos no mundo todo, cidades voltadas para os interesses do mercado e não das pessoas. Se estabeleceu então um grande conflito entre estado e ativistas pela posse da Aldeia Maracanã.

A aldeia tem 150 anos de história, foi doada primeiramente pelo Duque de Saxe para ser um local de estudos das sociedades indígenas e sementes. Logo se tornou a primeira sede do SPI (Serviço de Proteção aos Índios), e em 1953 se tornou o primeiro museu do índio. Em 1978 o museu foi transferido para Botafogo no Rio de Janeiro, e aos poucos o antigo museu desativado começou a ser ocupado por índios de várias etnias do Brasil e América Latina, e se tornou a Aldeia Maracanã. Em 2013 foram contabilizadas 17 diferentes etnias vivendo na aldeia.

Ao invés do Estado apostar na diferença cultural, na diferença do Brasil em relação aos outros países, e investir dinheiro e produzir valor sobre o fato de possuir “ainda” povos indígenas em seu território, alimentando com isso um outro turismo, uma visão mais ecológica e mais democrática, ele prefere apostar nos padrões da FIFA, oferecendo aos índios dinheiro para saírem da Aldeia, ou um sítio longínquo, fora da cidade, que não tem história pregressa nem outra relação qualquer com esses índios, nem permite sua sobrevivência.

Para muitos dos índios e apoiadores da Aldeia Maracanã, ter um espaço multi-étnico indígena, num grande centro como Rio de Janeiro, fortalece as bases culturais do próprio povo brasileiro, assim como aproxima a sociedade civil, os jovens, os estudantes, da história do Brasil a partir de um outro prisma, para além do prisma da colonização. Muitos jovens frequentadores da aldeia mudaram radicalmente seus modos de pensar o mundo e atuar na vida, a partir dos rituais, das danças, das músicas que conheceram na Aldeia, experimentaram processos de trabalho coletivo, colaboração inter-étnica, um outro significado de tempo e conexão com a magia³.

Evidentemente quando se junta tantas etnias, as questões se complexificam, existem desacordos e disputas, mas isso faz parte do processo, e é possível a construção de consensos e decisões políticas. O que é ininteligível, é não permitir que isso aconteça, impedir que os índios produzam um espaço de singularidade dentro da cidade, que tragam seus conhecimentos para a cidade e que aproximem a sociedade civil das percepções indígenas. Isso vale também para as comunidades quilombolas expulsas dos grandes centros, e outros grupos como ciganos, movimento dos sem teto, etc. Tudo isso são formas de vida que vão sendo eliminadas pelo poder do mercado financeiro. A luta que se trava é exatamente a luta da diferença X a utilidade. O que sempre ganha parecer ser a homogeneização promovida pelo mercado.

Eu trago esses dois exemplos, dos Kaiowas Guaranis e da Aldeia Maracanã, para evidenciar duas

3 Um vídeo interessante que trabalha bem a ideia da luta pela Aldeia Maracanã e o envolvimento dos jovens urbanos com a questão indígena é o “História da Aldeia Maracanã, de Cabral a Cabral: <http://www.youtube.com/watch?v=0W5BVi2N6uo>

tragédias. De um lado, supostamente, os índios que querem continuar no campo, dentro da sua etnia fechada, preservando costumes e ritos, investindo na manutenção da terra e da natureza, lutando pela terra dos seus antepassados (como uma parte considerável dos Guaranis Kaiowas), do outro os que querem se misturar com o urbano, mas para fazer um local de valorização e aprofundamento das culturas indígenas no Brasil, abrir um espaço de referência entre campo e cidade, construindo formas de sustentabilidade a partir dos ensinamentos ancestrais, produção de artesanato, conhecimento das sementes, alimentação, vestuários, entre outros⁴.

3- TERRÁQUEOS CONTRA HUMANOS

Bruno Latour⁵ fala dessa guerra de valores entre os terrenos e humanos, dos comprometidos com a Terra e dos comprometidos com a modernidade. É uma guerra de valores sobre qual mundo se quer viver. Uma minoria ecológica considerada fanática e catastrofista de um lado e do outro lado os adoradores de Xawara, os amantes do metal, os que garantem nossa atual idade geológica que é o antropoceno, o fim da biodiversidade, das florestas, dos rios, que promovem a tatuagem humana por toda a superfície da Terra.

A tragédia Guarani e a tragédia da Aldeia Maracanã é a tragédia dos terrenos. É tragédia porque se configura como uma morte heróica, devido os anos de luta e resistência, mas que perde constantemente essa luta. São os amantes da Terra que perdem para os adoradores do desenvolvimento a qualquer custo. Tanto na história dos Guaranis Kaiowas, quanto na da Aldeia Maracanã existe um traço dessa guerra que Latour fala. De um lado esses pobres, sujos, vagabundos, preguiçosos, demorados, subjetivistas, infantis, hippies, losers, perdedores, fracassados, espiritualistas, bárbaros. De outro os urbanos, comprometidos com a modernidade, com o crescimento, desenvolvimento, enriquecimento, segurança, produtividade, objetividade, expansionismo. Esses lados opostos apesar de não serem muito claros ou específicos, disputam modos de existência e formas de relação com a Terra e com a Vida. Um é a antítese do outro, e não precisamos ampliar essa imagem demasiadamente, para vermos a desproporção entre ambos os lados.

4 Vale aqui pensar em outros exemplos de espaços indígenas em centros urbanos como o caso do Santuário dos Pajés em Brasília. <http://santuariodospajes.blogspot.com.br/>

5 Cfe. Bruno Latour - War and peace in an age of ecological conflicts

Paris

- Lecture prepared for the Peter Wall Institute

Vancouver

-2013 http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/130-VANCOUVER-WARandPEACE_0.pdf

4- XAWARA E A QUEDA DO CÉU

Agora vou para outro grupo indígena, os Yanomamis. O xamã Yanomami Davi Kopenawa fez o livro “ A Queda do Céu” (The Falling Sky/2013⁶). Nesse livro ele mostra o que tem sido falado entre os xamãs yanomamis, quando se reúnem para conversar sobre o que vai acontecer com o mundo. Ele fala no livro da Xawara (doença ou epidemia). Aqui aparece a palavra epidemia de novo, e por isso eu disse acima que era uma palavra importante. A epidemia de suicídios guarani é provocada também pela Xawara. Ela é uma espécie de coisa viva, de entidade, de força de destruição. A Xawara⁷ é a fumaça que sai do ouro quando esse é retirado da Terra. Ela é a fumaça que sai dos metais em geral. Para os Yanomamis o ouro e outros metais são o esqueleto da Terra. Se isso é retirado de dentro da Terra, ela perde sua sustentação estrutural e por isso pode vir a afundar.



Uma maloca Yanomami. Foto: Survival

Os Yanomamis apesar de terem uma condição mais privilegiada do que a dos guaranis kaiowas, ou dos índios urbanos da Aldeia Maracanã, pois vivem em uma grande reserva entre Roraima, Amazonas e Venezuela, que é maior que a Holanda, eles não conseguem conter a Xawara. Aquela região é rica em minérios e tem muito ouro. Lá é proibido o garimpo, mas não existe maneira de

⁶ Davi Kopenawa and Bruce Albert – The Falling Sky – Ed. Harvard University Press. USA/2013

<http://www.survivalinternational.org/ultimas-noticias/9706>

⁷ Ver livro de Laymert Garcia dos Santos - “Amazônia transcultural – xamanismo e tecnociência na ópera”. Ed. N-1, SP/2013

controlar toda a fronteira da reserva. Se o governo tira a estrutura da mineração de um local, logo em seguida ela se restabelece em outro canto, pois geralmente não entra na contabilização do Estado, o futuro dos garimpeiros, sina ou sorte, o que é muito importante, a vida no risco e com possibilidade de ganhos, se não é no ouro, onde a cultura que envolve o garimpo pode sobreviver? A questão é complexa, mas do ponto de vista da saúde da floresta e dos povos da floresta, o garimpo é tão prejudicial quanto a monocultura e os negócios agropecuários. Seus estragos vão muito mais longe do que os locais onde são produzidos, sujaram rios, matam peixes, derrubam floresta e produzem contágio de doenças através da fumaça invisível que continua se espalhando e atacando o peito dos índios, dos brancos, dos elementos e do céu.

Davi diz que Xawara, a epidemia, está na aldeia e está levando seu povo ao fim. Hekurabe são os espíritos auxiliares dos pajés. Eles são quem sustentam o peito do céu, mas até o peito do céu já está infectado pela Xawara. Quando um pajé morre os Hekurabe ficam muito bravos, e tem morrido muitos pajés. Os pajés sustentam o céu para brancos e índios. Quando a última árvore cair e não existir mais pajé, não vai haver Hekurabe pra sustentar o céu, ele vai partir ao meio e vai começar cair coisas sobre a Terra, a Terra que já não tem mais sua antiga estrutura também vai partir abrindo enormes buracos onde vão cair brancos e índios. A humanidade vai acabar, como já aconteceu outras vezes.

Eu quero insistir nessa profecia, não como palavras de um xamã exótico que não sabe se expressar filosoficamente, mas como uma sabedoria que aponta para uma situação concreta.

Ver para os yanomamis significa sonhar, e Davi diz, os brancos só sonham consigo mesmo. Não conseguem sonhar com outra coisa. Ou seja, não conseguem ver o que os outros elementos da natureza veem, só estão preocupados consigo mesmos. Viveiros chama isso de espécie narcisista, tão auto-centrada que não consegue nem sonhar com outra coisa que não seja consigo mesma. Os brancos só conseguem sonhar consigo mesmos. Dormem mas não veem nada. Por isso acham que o que os índios falam é falso ou é mentira, pois não enxergam nada.

Existem dois pontos fundamentais nessa profecia: 1) A humanidade vai acabar, como já aconteceu outras vezes e 2) Os brancos só sabem sonhar consigo mesmos.

5- PERSPECTIVISMO E INVERSÃO ONTOLÓGICA

O perspectivismo é uma irresponsabilidade do Viveiros de Castro, como ele fala em seu livro *Inconstância da Alma Selvagem* - 2013. Uma irresponsabilidade porque ele se atreve a criar uma teoria universal que unificaria o pensamento ameríndio. Eu gosto quando ele diz que é uma irresponsabilidade, porque ele reconhece que é um gesto um tanto megalomaniaco, que tenta criar uma mesma base de pensamento entre povos diferentes que não falam a mesma língua nem tem as mesmas crenças. No seu livro *Metafísicas Canibales*⁸ ele tenta trabalhar um pouco a ideia da geografia plana, da temperatura e outras características geográficas para justificar essa coesão do pensamento ameríndio, o que parece ter bastante consistência. Se o perspectivismo for somente uma especulação filosófica, por não contemplar a diversidade do pensamento ameríndio, eu diria que é uma ficção necessária e que faz todo o sentido de ser pensada no atual momento em que estamos vivendo. O perspectivismo contempla as inúmeras lutas e de certa forma sustenta as questões particulares de cada grupo, de cada etnia, exatamente porque sua proposta atua no imaginário colonizador, na cultura dominante, propõe uma outra perspectiva, onde a questão da diferença não deve ser só respeitada como transformada. Propõe uma outra ontologia, que disputa lugar no imaginário dos humanos.

Perspectivismo então é a proposta de uma inversão ontológica, uma mudança de paradigma filosófico. É uma crítica contundente ao antropocentrismo branco, é um ponto de vista de mundo que põe em cheque a estrutura do pensamento ocidental. Ele questiona o lugar que o humano ocupa em meio a tantas outras existências.

Viveiros nos conta que o ameríndio tem um pensamento predatório, ele sabe-se predador de alguns animais, e sabe-se caça de outros animais, então ele faz parte de um circuito, não é o dominador universal. Afora isso existe uma perspectiva de horizontalidade em relação a outros elementos, a outras matérias. O pensamento ameríndio nômade tem um pensamento ecológico, não suporta a escravização dos elementos, o que é determinante na construção de civilização, ao invés de escravizar os elementos em formatos categóricos (prédios, templos, cidades), eles utilizam os elementos para suas necessidades e depois partem, para que a natureza se reaproprie deles. A matéria serve por um tempo e depois ela volta para a natureza, por isso as constantes mudanças de lugares, as diásporas, quando voltam a natureza já tomou conta do local novamente. É uma metodologia ecológica, uma tecnologia de co-existência com a biodiversidade. Os mortos estão entre nós, assim como outros elementos invisíveis. A mãe morta pode ser a pedra ou o peixe. Não existe superioridade em relação a morte nem à matéria.

8 Cfe. Eduardo Viveiros de Castro. *Metafísica Canibales*. Ed. Kats. Espanha. 2010

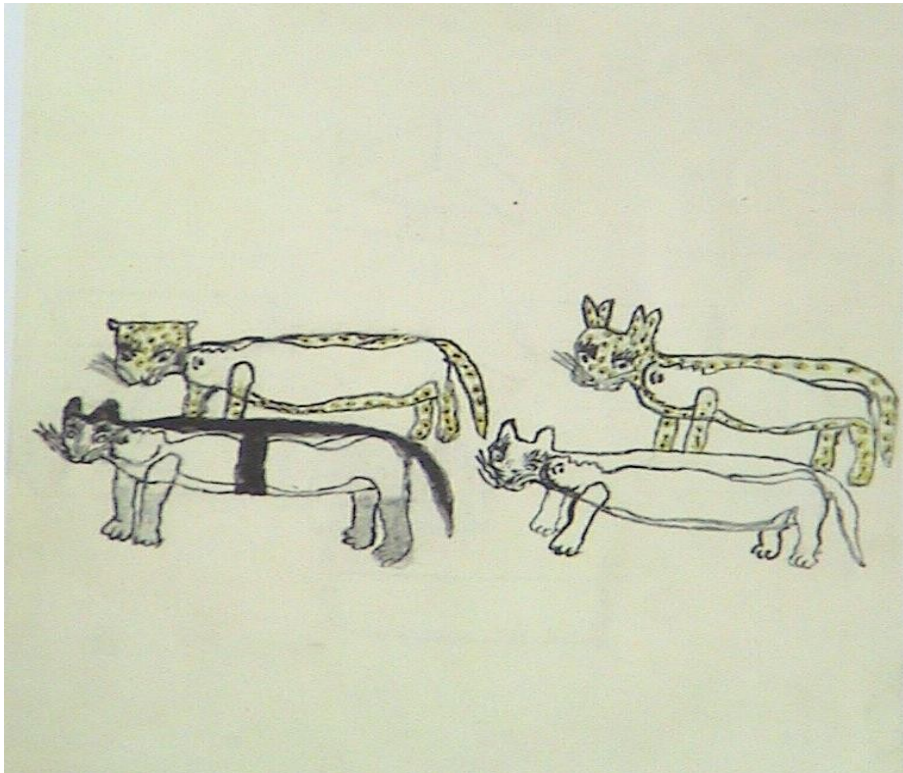
Continuando com Viveiros, a diferença entre a perspectiva desenvolvimentista e a perspectiva ameríndia é que a primeira pensa que existe uma natureza e várias culturas, enquanto a segunda pensa em várias naturezas e uma cultura. A única cultura que existe pro índio é a humana. Tudo que existe é humano. A pedra, a lua, o rio, a onça, os mortos, isso tudo é humano mas usa uma roupagem diferente, se comportam diferente e tem pontos de vista diferentes sobre a realidade. Um encontro xamânico para os índios pode significar a mesma coisa para o encontro na lama das antas. Elas estão concentradas sonhando e aprendendo, como os índios estão quando estão em ritual, cada bando faz seus próprios rituais.

Logicamente se vamos aprofundar as diferenças de cada bando, vamos encontrar pesos diferentes para cada espécie e uma cosmogonia própria para cada uma delas, mas o que importa aqui é entender que essa base humana que todos os seres compartilham, também os conectam, e os mantêm em uma zona de comunicação constante. Essa compreensão é muito importante: que por traz de uma natureza Pedra, jaz uma cultura humana, uma base de comunicação inter-espécies.

O animismo indígena produz uma ideia de alianças e agrupamentos entre diferentes elementos/espécies. Um humano e um animal, um rio e uma árvore. Uma espécie de humano por exemplo, pode ter mais a ver com uma natureza fria, rochosa e dura do que com um índio. A natureza de uma coisa não está relacionada a essa coisa por semelhança, mas por tendências. Pertencer a um ramo de animais ao invés de outros, fala algo da natureza própria de cada um, mas a cultura é a mesma, no fundo todos são humanos, ou seja, pensam, sonham, veem, se expressam, e tem vida em comum, e isso lhes permite associação, comunicação. Isso é o contrário do antropocentrismo exatamente porque o humano não tem privilégios em relação ao resto do que existe.

O xamã é uma espécie de diplomata que tem a habilidade de frequentar diversos desses pontos de vista, entrar em contato com todas essas roupagens, atravessar as roupagens e frequentar o ponto de vista dos mais variados seres. Entre ele e esses variados seres pode haver um pacto, uma convivência mas também repelência. Ele é capaz de sair do seu ponto de vista, ver-se de fora, ver os índios da sua tribo do ponto de vista da árvore, do ponto de vista dos pássaros, da lua, das estrelas, de uma matéria ou um objeto. Essa habilidade faz com que o xamã tenha um conhecimento mais profundo sobre a existência das coisas do que a maioria dos índios, porque aprimorou essa técnica, treinou para isso, e é por isso que sua loucura, sua esquizofrenia, sua variação perceptiva é considerada uma sabedoria. Ele volta para contar das coisas que viu e ouviu a qualquer momento. Conforme a potencia do seu treinamento pode estar em mais de um ponto de vista ao mesmo tempo. Ele pode

vir a encarnar em outros seres. É uma habilidade que ele tem porque trabalhou muito para desenvolver. São técnicas de êxtase, de sensibilidade, de comunicação inter-espécies, que o faz perceber o que está por traz das coisas, das aparências, reatar sua base humana com a base humana de qualquer outro elemento. Mas também os xamãs de cada bando tem o poder de fazer isso com ele, por isso sofre encarnações, é possuído. Nessa imagem abaixo dá para ver como os pintores indígenas representam a encarnação do pajé: deitado, de costas, como se estivesse sendo levado no corpo dos animais.



(Desenho de Feliciano Dessana, publicada no livro de Luiz Lana (Antes o Mundo não existia – 1980, doada por Larissa Menendez, antropóloga pesquisadora da cosmogonia Desâna)

É importante perceber o xamanismo como metodologia, como tecnologia de produção de conhecimento. Isso interessa muito para o tecnoxamanismo. Perceber que para além de algum possível encontro entre tecnologia e xamanismo, a percepção de que o xamanismo é uma tecnologia em si mesmo. Não só de êxtase, mas de comunicação trans-humana.

Depois de percebermos com mais profundidade o xamanismo como tecnologia, pode ser que consigamos achar indícios para pensar o tecnoxamanismo:

1- Xamanismo é uma tecnologia que permite ao xamã sair de si mesmo e frequentar pontos de

vistas diferentes do seu.

2- Xamanismo é uma tecnologia ecológica, capaz de convivência com a biodiversidade geral.

3- Xamanismo é uma tecnologia de guiagem e controle da alucinação.

Jeremy Narby, o antropólogo canadense que cresceu na Suíça e pesquisou muito os conhecimentos medicinais indígenas do Peru, explorou bastante a ideia da alucinação como conhecimento. Ele conta no seu livro *Cosmic Serpente*⁹ que foi para o Peru estudar plantas com os Ashaninkas, ele sempre perguntava como eles sabiam tudo aquilo sobre plantas, eles respondiam sempre a mesma coisa, a planta que ensina. E foi preciso ele tomar muita ayahuasca para perceber que os professores da floresta era a própria floresta, que existia uma inteligência viva em tudo que existia ali, coisas que coexistiam, conviviam, que tinham subjetividade e inteligência. A floresta e a vida tinham um networking próprio, negociavam, faziam gambiarras, se estruturavam e reestruturavam. O índio em meio a tudo isso é mais um participante da tremenda interação de seres vivos.

Essa ideia de elementos e matérias inteligentes, possuidoras de subjetividade, sensíveis, está começando a ser de fato pensada pela filosofia especulativa contemporânea e isso tem correspondência direta com as pesquisas científicas em física, biologia entre outras. Esta zona de conexão, para o ameríndio é a humanidade comum a todos os elementos, é a base comum. Levando em conta que esse humano comum a tudo que existe não é necessariamente o humano do branco antropocêntrico, é outro paradigma, mas que sente, pensa, olha para as coisas, tem humor, sentimento, sensação, experiência e outros atributos. Para algumas correntes do pensamento ameríndio, esse ser humano branco, construtor de cidades e devastador da Terra é algo que eles já foram e não querem ser mais¹⁰. O que vai no oposto da ideia ocidental de que existe uma animalidade comum entre humanos e animais, e que os humanos aos poucos largaram a natureza para se humanizarem através de suas antropotécnicas. As antropotécnicas são técnicas humanas utilizadas historicamente para produzir humanos. Ludueña faz uma análise sobre essas técnicas no seu livro *Comunidade dos Espectros*¹¹ analisando sobretudo a Teologia e o Direito que ele considera duas fontes de antropotecnica poderosas de fabricação de humanidade. Ele levanta a questão do biopoder, falando que isso não foi uma evolução da sociedade de controle, mas que isso já estava lá desde os primeiros movimentos de produção de humanidade civilizada. A antropotecnologia sempre

9 Cfe. Jeremy Narby. "The Cosmic Serpent: DNA and the Origins of Knowledge". Ed. Georg. França/1998

10 Palestra de Eduardo Viveiros de Castro onde ele desenvolve a ideia de que os índios foram brancos no passado, mas fugiram para não serem mais. "Filosofia, Antropologia e o Fim do Mundo" - <https://vimeo.com/78892524>

11 Cfe. Fabian Ludueña Romandini. *Comunidade dos Espectros; I Antropotecnica*. Ed. Cultura e Barbárie. Florianópolis SC/2012-2013

pressupõe uma zoopolítica, que é o controle e a domesticação da animalidade, que no pensamento branco, seria o lugar de onde o humano teria surgido.

Se a gente insistir nesse conceito de Ludueña, poderemos dizer que na visão dos ameríndios, a separação entre eles e os brancos tenha surgido exatamente aí nesse momento, quando os humanos começam a inventar suas antropotécnicas de civilidade e eles então se afastam, pois isso significava aquilo que a natureza não queria ser. Alguns grupos indígenas pensam que seus antepassados fugiram dessas esteiras de fabricação de humano, se afastaram e as negaram, porque elas representavam o fim do mundo. E ainda dizem, já aconteceu antes, acontecerá de novo.

Quando então vem a tona a profecia dos pajés yanomamis, proferida pela boca de Davi Kopenawa, que diz que a humanidade vai acabar, como já aconteceu antes, e vai acontecer de novo eu me pergunto, de quantos mundos estamos falando, e quem são os nossos ancestrais? Esses índios dizem que os ancestrais deles são os homens dos quais eles se afastaram, junto com a natureza. Existe uma inimidade ontológica dos índios com os brancos, que a princípio não tem a ver com a evolução das espécies, é quase o contrário disso, já que, e agora eu estou especulando livremente, o que os brancos chamariam de evolução eles chamariam de uma tendência de certos grupos a se sobrepor sobre todos os outros seres. Ou seja, não é evolução, é outra coisa, talvez uma perspectiva exploratória.

Mas para efeito de conversa, eu pergunto: Como os ameríndios relatam tão bem o fim do mundo? Porque dizem com tanta certeza que isso já aconteceu antes? Do que exatamente eles tiveram que se afastar e fugir? Dos colonizadores, ou foi antes disso? Para além da especulação não temos muito o que fazer, já que se trata de sociedades sem escrita na sua maioria. Os yanomamis ainda dizem, os brancos escrevem sobre as copas das árvores seu pensamento. Nós escrevemos sonhando. Os brancos precisam escrever porque não sabem sonhar, só sonham consigo mesmo e com suas mercadorias.

Mas os brancos só sabem sonhar consigo mesmos. É exatamente por não conseguirem ver o fundo humano em tudo que existe, que pensam só em si mesmos. São narcisistas, egocêntricos, arrogantes e inconsequentes. Incapazes de ouvir outras vozes que não sejam a sua própria. Do ponto de vista ameríndio as palavras ver e sonhar são facilmente trocadas. É no sonho que se aprende coisas, se conhece mistérios. Essa base comum humana possibilita a compreensão geral, mas é preciso sonhar para ver, sonhar dormindo, sonhar com os enteógenos e sonhar acordado. O sonho é uma tecnologia fundamental para os ameríndios, deve ser pensada com uma técnica de emancipação, muito

diferente das antropotécnicas civilizatórias.

6- DO XAMANISMO TRANSVERSAL, SUJO OU DOS RUÍDOS.

Para pensarmos o tecnoxamanismo, é indispensável compreender sua associação com o lixo, com a sujeira, com o excedente, com o que sobra. Xamanismo sujo¹² então surge como um conceito complexo, que a princípio pode parecer ofensivo para os que pensam xamanismo como algo sagrado, mas que faço um esforço aqui para mudar essa ideia.

No livro *Metafísicas Canibales*, Viveiros fala da relação entre profecia e xamanismo horizontal, assim como sacerdócio e xamanismo vertical. Ele tenta criar uma aproximação entre o xamanismo ameríndio e a religião judaico-cristã. A grosso modo o xamanismo horizontal (profecia) é um estado de presença e pertencimento a natureza e ao mistério das coisas, acontecia antes da chegada dos colonizadores, onde os índios e evidentemente os xamãs teriam uma relação equilibrada com o conhecimento, pois este seria promovido e expresso ao mesmo tempo, de forma intuitiva, aberta, sem contenção e sem promoção de poder, como era o caso dos profetas, que guiavam os povos mediante suas conversas com deus, anjos, intuições, vidências. O xamanismo transversal, começa acontecer com a chegada do homem branco, que reconfigura o poder do pajé, constrói a ideia de identidade pessoal, produz hierarquia entre sujeitos, e sobrepõe os conceitos imperiais e monoteístas sobre as crenças indígenas, verticalizando o papel do humano sobre todas as coisas, e constituindo um lugar de vigilância, de lei sobre o conhecimento e a moral. Assim como é o caso do sacerdócio, que também teve esse papel nas religiões judaico-cristãs, de estabelecer o controle sobre o povo, as leis, as hierarquias dentro da religião.

Segundo esse raciocínio, o xamanismo transversal seria uma mistura disso tudo, entre profecia e sacerdócio, xamanismo e sacerdócio, politeísmo e liturgias católicas, políticas de humanização e rituais com ervas de poder, entre o politeísmo e os 10 mandamentos, entre os padres e os cultos africanos, entre essas crenças que ficam pelo meio do caminho e as dissidências cristãs. A pajelança ameríndia, atravessada por tudo isso criou um estado sincrético, onde crenças ancestrais se misturam às categorias teológicas.

Isto tudo mistura-se aos modos de vida transversalizados e sincretizados dos próprios brancos, as festas pagãs, as orgias, os embriagamentos, os assassinatos, as armas de fogo, a construção de cidades, a produção de lixo, as doenças, a miséria, as traições do império, a devastação da Terra, o

12 Vídeo xamanismo transversal, sujo ou dos ruídos: <http://www.youtube.com/watch?v=Hj3TOIesxPw>

uso inconsequente do meio ambiente, - a Terra como repositório de recursos para utilização irrestrita do homem.

Esse redemoinho de informações misturadas é a ruidocracia. O xamanismo sujo seria a capacidade de produzir êxtase e transcomunicação de dentro desse universo de ruídos, onde se percebe que tudo soa, que tudo vibra e emite som, que as coisas convergem e divergem por instantes, e que isso deve abrir a escuta ao invés de produzir surdez. A experiência da ruidocracia radical é um estado importante do tecnoxamanismo.

7- TECNOXAMANISMO

Estamira representa bem o tecnoxamanismo, já que ela é pajé do lixo, a esquizofrênica do excedente, a mulher que representa o estado pútrido, as explosões de gases, que convive literalmente com os “restos” da humanidade. É a partir do lixo civilizatório, que essa “pajé suja” diz de todos esses tempos e acúmulos. Ela delira no lixo, com ele. Que outra forma seria mais eficaz para se conhecer uma população planetária? Seu xamanismo além de transversal, é motivado pela força do excesso, do sem lugar, do que sobra. Não nego que atuasse com reciclagem, mas é toda aquela sujeira que a torna especial, especialista do espectro da exclusão. Sem esse lixo todo em volta, ela provavelmente não teria ido tão longe nas conexões esquizos que produziu. Ela se tornou uma personagem histórica nas mãos de Marcos Prado (Br-2004), que promoveu com profundidade a ligação de Estamira com toda aquela sobra. Ela fala do cheiro do lixo, das suas implosões internas, da sua transformação constante, dos satélites conectados a antenas construídas por ajuntamentos insólitos na lixeira, fala do controle, do trocadilho do controle. Apesar de em algum momento no documentário, o diretor criar um vínculo entre sua doença mental e suas profecias, que teria crescido devido a um trauma, apresentando uma explicação psicanalítica para seu problema mental, há leituras que passam por essa sua tentativa a passos largos. O que não dá para negar no caso de Estamira, é sua ligação fluxuosa com a Terra do lixo.

Isso equivale a dizer que o tecnoxamanismo, além de surgir diretamente de um xamanismo transversal, ele também é sujo, ruidocrático, da lixeira, impuro, já que parte significativa de quem o está pensando, vem do resto do saber científico, de laboratórios precarizados, de conhecimentos instáveis, pouco comprováveis, do hackeamento, do lixo eletrônico, da gambiarra, do gato, do reaproveitamento de matérias, da reprodução de projetos científicos exaustivamente testados. A isso junta-se questões particulares de movimentos sociais relativas ao feminismo, ao movimento queer, ao movimento negro, ao software livre, ao movimento sem terra, aos povos indígenas, as

comunidades ribeirinhas, movimentos sem teto, desempregados, entre inúmeros outros, que também vem com seus próprios ruídos, suas próprias dissidências, seus próprios lixos. Acrescento a isso, interesses voltados a relação entre corpo e técnica, comunicação inter-espécie com matérias, elementos, plantas, assim como captação de ondas e magnetismos dos espaços mais recônditos, dos polos norte e sul, dos prédios destruídos pelas guerras, dos que sobreviveram, que contam histórias passíveis de serem captadas por instrumentos do it yourself. Sem falar em toda a questão ambiental, espacial, extra terrena, cultura espacial, ficções, relação com o cosmos, astronomia e astrologia, com uso de aparatos mecatrônicos e signagens.

O que eu quero dizer com isso, é que:

1) O tecnoxamanismo provém de uma lixeira de excessos, sobras, restos, sujeiras, misturas, ruídos, processos descontínuos, xamanismos transversalizados, sincréticos, incorporações de ideias, de culturas, antropofagias sociais, culturais, gambiarras, ideologias políticas atravessadas, garimpos eletrônicos.

2) O tecnoxamanismo é reciclador de matérias e subjetividades, reciclador de ambientes, reconectador entre humanos e Terra, humanos e universo, um "reiligare" sem representação nem univocidade, um modo de abertura perceptiva, ampliação da escuta, abertura para a espectrologia que nos circunda, para o mistério, uma lição de humildade em relação a existência das coisas.

3) O tecnoxamanismo é sujo porque parte das lixeiras materiais e subjetivas dos humanos, mas isso não significa subestimar a força do xamanismo, muito pelo contrário, significa atribuir poderes ao lixo, para além da reciclagem industrial, que o organiza, separa, retém, explora o catador de lixo. Mas atribuir poderes ao lixo exatamente porque é a partir dessas confluências miseráveis que nos é possível perceber que tipo de espécie somos e daí dessa condição explícita, podemos então ampliar alguns campos de convergência para nos transformarmos em algo mais interessante.

Referências Bibliográficas:

Bruno Latour - War and peace in an age of ecological conflicts Paris
- Lecture prepared for the Peter Wall Institute Vancouver - 2013

Davi Kopenawa and Bruce Albert – The Falling Sky – Ed. Harvard University Press. USA/2013

Eduardo Viveiros de Castro – A Inconstância da Alma Selvagem. Ed. Cosac & Naify – São Paulo/2002

Eduardo Viveiros de Castro. Metafísica Canibales – Líneas de Antropología Postestructural. Ed. Kats. Espanha. 2010

Fabian Ludueña Romandini. Comunidade dos Espectros; I Antropotecnia. Ed. Cultura e Barbárie. Florianópolis SC/2012-2013

Jeremy Narby. “The Cosmic Serpent: DNA and the Origins of Knowledge”. Ed. Georg. França/1998

Laymert Garcia dos Santos - “Amazônia transcultural – xamanismo e tecnociência na ópera”. Ed. N-1, SP/2013

Luis Lana – Antes o Mundo não Existia: A mitologia Heróica dos índios Desâna Ed. Livraria Cultura, SP/1980

Links:

Guaranis: do jejuvy à palavra recuperada, Fabiane Borges e Verenilde Pereira - Dourados MS/2008
<https://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=2473>

Carta dos Guarani Kaiowa - Dourados, MS/2013
https://secure.avaaz.org/po/petition/Salvemos_os_indios_GuaraniKaiowa_URGENTE/?pv=96

Eduardo Viveiros de Castro “Filosofia, Antropologia e o Fim do Mundo” - - - - -
<https://vimeo.com/78892524>

História da Aldeia Maracanã, de Cabral a Cabral, Rio de Janeiro/2013
<http://www.youtube.com/watch?v=0W5BVt2N6uo>

Santuário dos Pajés - Brasília 2011

<http://santuariodospajes.blogspot.com.br/>

Fabiane Borges – Xamanismo Transversal, Sujo ou dos Ruídos – SEU (Semana Experimental Urbana) Porto Alegre – 2012

<http://www.youtube.com/watch?v=Hj3TOIesxPw>

Filmes:

Terra Vermelha – Dir. Marco Bechis - Itália-Brasil – 2008

Xapiri – Filme experimental (Documentário) sobre o xamanismo Yanomami – Diretores: Leandro Lima, Gisela Motta, Laymert Garcia dos Santos, Stella Senra, Bruce Albert.